

O LÉXICO TABU: USOS E ASPECTOS SOCIOCULTURAIS

THE TABOO LEXICON: USES AND SOCIOCULTURAL ASPECTS

Vivian Orsi*

Resumo: A língua em uso numa sociedade é produto de uma cultura e reflete o pensamento de um povo. Desse modo, as unidades léxicas, por meio dos significados atribuídos por um grupo social, determinam um olhar específico do universo. Intencionamos demonstrar que para a denominação dos órgãos sexuais do corpo humano tende-se a evitar a terminologia anatômica oficial – relegada a contextos de grande formalidade – e adotar outros itens lexicais em situações informais. Este artigo engloba alguns aspectos socioculturais da linguagem proibida referente às zonas erógenas. Utilizando como aporte teórico os estudos sobre Lexicologia e sobre o léxico obsceno, objetivamos verificar essa tipologia lexical utilizando nosso *corpus*, e suscitar questionamentos sobre o uso e substituição da terminologia oficial por outros itens em situações informais, mostrando que há variação em relação à idade e ao sexo dos falantes. Almejamos com esta pesquisa desmistificar alguns preconceitos relacionados ao léxico erótico-obsceno, seu uso e sua criação e estimular reflexões sobre o mesmo.

Palavras-chave: lexicologia; léxico erótico-obsceno; tabu; sociocultura.

Abstract: The language in use in a society is product of a culture and reflects the way a community thinks. Therefore, the lexical units, through the meanings assigned by a social group, establish a specific look of the universe. We intend to demonstrate that for the denomination of the sexual organs of the human body it usual to avoid the official anatomical terminology – relegated to the contexts of great formality – and to adopt other lexical items during informal situations. This paper reflects about some sociocultural aspects of the forbidden language, that encloses the erogene zones. Using as theory the studies of Lexicology and the obscene lexicon, we intend to verify this lexical typology based in our corpus, and stimulate reflections about the use and the substitution of the official terminology, showing that there are variations in relation to the age and gender of the speakers. We intend, with this research, to demystify some prejudices related to the erotic-obscene lexicon, its use and its creation and to stimulate reflections.

Keywords: lexicology; erotic-obscene lexicon; taboo; socioculture.

Introdução

A língua em uso numa sociedade é produto de uma cultura e reflete o pensamento de um povo (LÉVI-STRAUSS, 1996). Assim, as unidades léxicas, por meio dos significados atribuídos por um grupo social, determinam um olhar específico do universo e um sistema de

*Professor Assistente Doutor, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas – IBILCE, Universidade Estadual Paulista – UNESP, Departamento de Letras Modernas, câmpus de São José do Rio Preto, SP, Brasil, 15054-000. E-mail: vivian@ibilce.unesp.br

valores. Sabe-se que a língua é usada também para evidenciar as atitudes, os valores e as concepções sobre a sexualidade em uma determinada comunidade. Homens e mulheres usam uma linguagem de carga erótico-obscena também para denominar, por exemplo, os órgãos sexuais. Em verdade, é no estudo das relações do léxico que se podem descobrir as interações entre o sistema formal da língua e a linguagem.

O léxico constitui o conjunto de palavras de uma língua disponível ao emprego pelos falantes: é um sistema flexível e passível de expansão condicionada pelas mudanças socioculturais. Isso equivale a dizer que são os falantes que o determinam, o criam e o mantêm em sua língua. Ele representa toda a informação sobre o mundo condensada em lexias, pois nele se encontram a nomenclatura e a interpretação da realidade (BIDERMAN, 2001). Isso equivale a dizer que são os falantes que o determinam, o criam e o mantêm em sua língua, a qual, por sua vez, segundo Biderman (1999, p. 96):

(...) está em perpétuo movimento, seu caráter de inacabado e de devir está sempre presente, sobretudo no léxico, visto que essa é a parte do sistema linguístico mais suscetível a mudanças por constituir um conjunto aberto. As combinatórias lexicais discursivas podem deixar de ser meras combinatórias frequentes de unidades léxicas para se converterem em novas unidades do léxico da língua. Assim, tudo se passa na língua e no vocabulário como numa pista de corrida – muitos corredores já ultrapassaram a barreira de chegada, outros estão se aproximando dela e outros vêm chegando de mais longe.

Neste ensaio, o léxico erótico-obsceno relativo aos nomes atribuídos ao órgão sexual feminino sobre o qual refletimos a partir da análise de um *corpus*, é determinado por seu emprego e por seu conteúdo, deixando patente uma duplicidade de sentidos produzida pelas metáforas.

1. Itens léxicos tabuizados

O emprego assíduo da linguagem erótico-obscena e a existência de um grande número de unidades léxicas usadas como sinônimas para referir o órgão sexual feminino nos instigou para pesquisá-la, principiando a nossa investigação pelas metáforas e pelas limitações morais de seu emprego, os chamados tabus e preconceitos. Conforme Orsi e Zavaglia (2009), para decodificação desse tipo de léxico é imprescindível a existência da pressuposição erótica entre os interlocutores, manifestada pelos semas de carga semântica erótico-obscena. Semas (que serão destacados entre /barras/) são as unidades mínimas de significação presentes num item

lexical: ao órgão feminino associam-se frequentemente os semas de /abertura/, /moleza/, /pelagem/ e /beleza/.

A lexia obscena, além de retratar uma cultura conforme já comentado precedentemente, desvela a essência do ser humano. No entanto, nessa linguagem erótico-obscena estão “formas estigmatizadas e de baixo prestígio, condenadas pelos padrões culturais, o que as transformou, com poucas exceções, em tabus linguísticos” (PRETI, 1984b, p. 3).

Recordamos que, segundo Augras (1989), o nome “tabu” foi criado por uma navegante inglês que, em um relato de viagem à Oceania, registrou o comportamento chamado *Tapu* dos nativos das ilhas Tonga, cuja expressão era empregada para referir-se ao que era sagrado e proibido, ao mesmo tempo. A autora ainda assinala que *Tapu* – que se tornou posteriormente *taboo* em língua inglesa – não designava apenas o aspecto sagrado daquilo a que referia, mas, outrossim, aos dispositivos criados para lidar com esses itens. Vemos, então, que em variados grupos humanos tudo o que se refere à sexualidade é objeto de proibições. Assim, o tabu indica algo fruto de proibição e, ao mesmo tempo e por esse motivo, objeto de desejo, é sinônimo de transgressão, estipula o que é autorizado e o que não se permite em determinada sociedade.

Por este motivo empregam-se vários sinônimos que possam substituir, em certos contextos, itens léxicos eróticos e obscenos, como os que veremos adiante atinentes à genitália feminina.

2. Nomes do órgão genital feminino

Apresentamos ora alguns dos principais nomes atribuídos ao órgão sexual feminino em língua italiana e língua portuguesa variante brasileira, coletados de *sites* da Internet, especialmente de *blogs*, e das obras de Maior (1980), Almeida (1981), Preti (1984), Mattoso (1990), Vários (1990), Scerbo (1991), Bonistalli (2000), Zanni (2000), Xatara e Oliveira (2002), Bueno (2004), Vários (2005) e Tartamella (2006). Escolhemos os dois idiomas citados por perceber que ainda existe carência de estudos nesse formato e, especialmente, relacionando a língua portuguesa à língua italiana.

Destacamos algumas das principais metáforas que regem seu processo de criação por meio da indicação dos seus respectivos semas e expomos alguns de seus contextos reproduzindo também comentários dos próprios usuários da *Internet*, com o intuito de

evidenciar as situações comunicativas em que é adotada uma unidade em detrimento de outras.

Os nomes mais comuns atribuídos ao órgão sexual feminino, segundo os *sites* e *blogs* consultados, são, para a língua portuguesa: aranha, bacalhau, boceta, coisinha, lindinha, perseguida, pombinha, racha, xana e xoxota.

Os semas presentes nos nomes em língua portuguesa e que nos permitem perceber a origem das metáforas são os seguintes: para aranha destacamos o sema /animal/; para bacalhau, /animal/, boceta, /cavidade/; para coisinha, /insignificância/; para lindinha destaca-se /beleza/; para perseguida sugerimos o sema /desejo/; pombinha, /animal/; para racha, /fenda/ e para xana o sema é /animal/, em analogia à gata, bichana. Para xoxota, que também aparece grafada com *ch*, não se evidenciam criações metafóricas, tampouco semas aparentes, fato esse que implica, provavelmente, na ausência de um emprego significativo que não seja erótico-obseno. Segundo Houaiss (2001), a sua origem é controversa e poderia ser de procedência africana, provavelmente banta. Parece-nos que com itens como xoxota, xexeca ou xexéu, por exemplo, recorre-se somente a estruturas fonético-fonológicas motivadas entre si, sem referências metafóricas.

Enfatizamos alguns dos semas apresentados acima pois são os que poderiam, a nosso ver, dar margem a dúvidas. Aqueles que fazem menção aos animais, sejam eles de penas ou pelos, lembram especialmente o pelame do órgão. Já o sema /cavidade/ remete ao formato da genitália feminina, com a abertura por onde entra o pênis na relação sexual, por onde se dá à luz, ou onde se poderia armazenar qualquer objeto. Com o sema /beleza/, referido ao item lindinha, vê-se que é possível empregar adjetivos femininos com a elipse do substantivo subentendido. Outros exemplos seriam: apertada, larga, aguada, bela etc.

Já para a língua italiana, entre os itens léxicos mais frequentes encontramos: *bernarda*, *buco nero*, *cosa*, *fica*, *fogna*, *fregna*, *orto d'amore*, *nicchia*, *passerina* e *tabacchiera*.

Para os nomes em língua italiana tem-se *bernarda* indicando o sema /humano/, pois emprega um nome próprio; *buco nero* para o sema /cavidade/; para *cosa* o sema é /insignificância/; para *fica*, /beleza/; para *fogna*, /cavidade/; para *fregna*, /insignificância/; para *orto d'amore*, /pelagem/; *nicchia* para /cavidade/; *passerina* para /animal/ e *tabacchiera* indicando uma /cavidade/.

Concernente ao item *fica*, cujo sema apresentado é /beleza/, sua base é a antiga simbologia da fecundidade das árvores, em referência ao fruto comestível figo. De modo particular,

a figueira, cujo fruto maduro, abrindo-se, fornece a imagem da vulva. De fato, o nome de tal fruto, que popularmente foi feminilizado e transformado em ‘fica’ [que em português equivaleria à *boceta* devido à carga semântica que ambos veiculam], representa até agora a mais difundida metáfora da mulher. Na base de sua motivação estão muito provavelmente também a cor, a maciez e a viscosidade do fruto já mencionado.¹ (SCERBO, 1991, p. 185, tradução e comentário nossos)

Vale lembrar que a enorme quantidade de nomes ou apelidos dados ao órgão sexual feminino se deve especialmente ao fato de ainda persistirem em nossa sociedade certas proibições linguísticas.² Conforme comentado acima, o impedimento em falar certo nome estimula, justamente, a criatividade dos usuários da língua a criarem nomes metafóricos a essas partes consideradas pudendas que, por vezes, são inacessíveis ao entendimento daqueles menos avisados.

Nessa esteira, a genitália feminina é um campo fértil para a invenção, a construção do novo. Por vezes, surgem palavras curiosas e engraçadas, nascidas da imaginação humana que reduzem o impacto ou escondem o sentido do nome real – que pode soar rude, grosseiro ou imoral. Assim, é substituído por outro que não pareça tão chulo ou obsceno. É o que se verifica no uso de ‘*perereca*’ ou ‘*flor*’. Ou, por outro lado, qualificam ou ressaltam alguma característica – ‘*lindinha*’ (/beleza/) e ‘*talho*’ (/abertura/).

Reafirmamos que esses itens lexicais não podem ser usados em todos os contextos. Vagina combinaria com pênis, por servirem como "termos oficiais" em livros, revistas e afins. Os itens léxicos *pombinha* e *xoxota*, por exemplo, têm empregos limitados às situações comunicativas em que aparecem. Pelo que se depreende de alguns dos *sites* consultados, a lexia ‘*pombinha*’ é usada com crianças, escolha menos ofensiva e que deixa latente a carga semântica erótico-obscena. Já ‘*xoxota*’ mostra-se um item que fere a sensibilidade, indigno. Por isso, seu emprego seria restrito aos adultos e em situações de extrema liberdade, como durante o ato sexual.

Segundo um dos *blogs* consultados, cujo título é “‘*Catano*’ com perdão!” (2007), pior seria dizer ‘*minha*’ *xoxota*. Não haveria nada mais sem dignidade no mundo. E apresenta-se o dilema: ‘*minha boceta*’ soaria vulgar demais e ‘*minha vagina*’, demasiado higiênico. Dentre todos os nomes há quase unanimidade em julgar *boceta* a mais condenável, vulgar e aviltante.

¹“*l’albero del fico, il cui frutto maturo aprendosi dà l’immagine della vulva. Infatti il nome di tale frutto, che popolarmente è stato femminilizzato e trasformato in ‘fica’, rappresenta tuttora la più diffusa metafora della natura della donna. Alla base della sua motivazione stanno molto probabilmente anche il colore, la mollezza e l’appiccicosità del frutto anzidetto*” (SCERBO, 1991, p. 185).

²Na verdade, acreditamos que elas nunca deixarão de existir em uma sociedade.

Convém notar que se encontra uma variação ortográfica nesta unidade, qual seja, a troca de *o* por *u*.

Percebe-se, enfim, que há a preocupação dos falantes em adequar o emprego do léxico para o ouvinte de seu discurso. Ainda que sejam usadas palavras de prestígio mais baixo, escolhe-se aquela que pareça menos insultuosa ou que tenha maior carga erótico-obscena em função do destinatário de um discurso. E é o que acontece na escolha de ‘pombinha’ ou ‘xoxota’, citadas acima, cujo emprego dependerá do receptor.

Saber falar e escrever uma língua implica no conhecimento de seu léxico e de sua gramática, mas igualmente saber escolher e usar itens lexicais dentre as variedades disponíveis a mais adequada a uma situação particular. Conforme Gnerre (1985, p. 4), “todo ser humano tem que agir verbalmente de acordo com tais regras, isto é, tem que ‘saber’: a) quando pode falar e quando não pode, b) que tipo de conteúdos referenciais lhe são consentidos, c) que tipo de variedade linguística é oportuno que seja usada”.

3. Considerações socioculturais

Para refletirmos sobre os aspectos socioculturais do emprego do léxico referente à genitália feminina, enfatizamos que: “um povo se individualiza, se afirma e é identificado em função de sua língua” (SCHERRE, 2005, p. 10). A língua é, pois, um fenômeno social: pode ser considerada *produto* de uma cultura e também uma *parte* dessa cultura. Dentro do âmbito de nossa pesquisa podemos acrescentar que a língua é usada para insultar e para expressar as atitudes, as concepções sexuais e os valores morais de uma determinada sociedade. É oportuno esclarecer que concebemos por comunidade linguística um grupo social que compartilha determinadas características linguísticas (BERRUTO, 2005).

A linguagem é, segundo Coseriu (1977), um fenômeno social, pois é produzida em sociedade e é determinada socialmente. A língua é, desse modo, um importante símbolo da identidade de um grupo, e no comportamento linguístico dessa comunidade se reflete a busca de aprovação social por parte de outros grupos ou a acentuação de diferenças.

Em virtude dessa ponderação, doravante entraremos em contato com a Sociolinguística um campo das ciências da linguagem que se dedica às dimensões sociais da língua e do comportamento linguístico, ou seja, os fenômenos linguísticos que têm relevância ou significado social. A Sociolinguística atua entre os limites da língua e da sociedade, ressaltando os empregos e usos concretos da língua (MOLLICA, 1992). Seu foco compreende

os fenômenos linguísticos vistos sob a ótica da dimensão social (BERRUTO, 2005), mas vai mais adiante: “A Sociolinguística focaliza como objeto de estudo exatamente a variação, entendendo-a como um princípio geral e universal das línguas, passível de ser descrita e analisada” (MOLLICA, 1992, p. 13-14).

Nas mensagens transmitidas, a língua desempenha um papel preponderante por ser através dela que o contato com o mundo é atualizado, funcionando como um elemento de interação entre o indivíduo e a sociedade em que se insere. Para Leite (2003, p. 28):

A língua engloba a sociedade de todos os lados e a contém em seu aparelho conceitual, mas ao mesmo tempo, em virtude de um poder distinto, ela configura a sociedade instaurando aquilo que se poderia chamar o semantismo social. (...) O vocabulário fornece aqui uma matéria muito abundante, de que se servem historiadores da sociedade e da cultura.

Na língua o léxico é o item por excelência capaz de manifestar as relações de ordem econômica, social e política que existem entre as diversas classes sociais, designando o conjunto das palavras por meio das quais os membros de uma comunidade linguística conseguem transmitir, entre si, informações. Conforme Ortíz Alvarez (2004, p. 246), o léxico “é reflexo da vida sócio-econômico-cultural desse povo, é resultado da sua história, de seus contatos, da correlação de forças entre os diferentes países numa dada época e, portanto, contém a cristalização de sua vida material e espiritual”. Com efeito:

o estudo das relações e das estruturas do léxico é um domínio privilegiado para descobrir as interações entre o sistema formal da língua e a atividade humana que a torna possível, a linguagem. Essa atividade é exercida dentro do tempo, do espaço e da sociedade pelo fenômeno geral que é a comunicação.³ (REY, 1970, p. 149, tradução nossa)

O léxico é, conforme visto anteriormente, o componente linguístico mais suscetível a variações e transformações. Segundo Preti (2003), certas lexias restritas a certos grupos ou atividades específicos, podem se adentrar a linguagem comum. Nota-se a vulgarização de itens considerados de baixo prestígio, por exemplo, as gírias e o léxico erótico-obsceno. Concernente a esse último, entendemos uma valoração social positiva, ou seja, a propriedade de ser digna de imitação, por ser positivamente avaliada, na base da alta escala social. O

³“l'étude des relations et des structures du lexique est un domaine privilégié pour découvrir les interactions entre le système formel de la langue et l'activité humaine qui la rend possible, le langage. Cette activité s'exerce dans le temps, l'espace et la société, par le phénomène général qu'est la communication” (REY, 1970, p. 149).

prestígio não é, portanto, uma propriedade objetiva, mas depende da avaliação de certas características sociais ou pessoais que membros de uma comunidade consideram particularmente desejáveis em termos de sucesso, riqueza, imagem ou estilo de vida.

Cria-se uma outra norma linguística subjetiva, por meio da qual se estabelecem critérios de aceitabilidade social da linguagem.

A esse propósito, concordamos com Preti (1984a, p. 32) ao exprimir que:

Em certos casos, como o da linguagem obscena, as perspectivas têm-se alterado tão rapidamente que a nossa própria atitude de pesquisador e de falante deve estar preparada para vencer os preconceitos contra os antivalores culturais que esse vocabulário representa, devendo admitir uma profunda alteração de seu prestígio e uso, nas *situações* linguísticas da vida contemporânea.

Esse fato de vocábulos e expressões de baixo prestígio social serem absorvidos, de certa maneira, ao discurso culto e prestigiado, via oral ou escrita pelos meios de comunicação de massa, prenuncia que o léxico erótico-obsceno e os palavrões em geral estão cada dia mais presentes nos recursos afetivos da língua. Segundo Preti (1984^a, p. 30), o “fenômeno da *banalização* lexical dos vocábulos técnicos referentes ao sexo, o uso abusivo do ‘palavrão’ e dos termos obscenos constituem eloquentes indícios das transformações sociais e morais de nossa época”.

É ilusório inscrever esse uso do vocabulário erótico-obsceno aos limites das classes econômicas mais baixas. De fato, a apreciação da obscenidade e do erotismo já foi objeto de classes nobres, desde os poetas eróticos latinos e gregos. Atualmente, segundo Preti (2003, p. 60): “A sociedade moderna, com a rápida transformação dos costumes, em particular dos conceitos de moralidade, tem sido propícia à liberação maior desse tipo de vocabulário”.

Em nosso estudo, atentamos não somente para o contexto histórico-social, que percorre a vida das palavras, mas igualmente à expectativa do falante em relação ao que diz, assim como à do ouvinte. De acordo com Preti (2003), em alguns momentos, certos itens considerados cultos ou, por outra senda, tidos como vulgares, podem transitar pelas fronteiras do prestígio, o que se justifica pelo fato de serem consideradas necessárias e adequadas a uma determinada situação comunicativa.

Lane (1985, p. 9) afirma que: “As palavras, através dos significados atribuídos por um grupo social, por uma cultura, determinam uma visão de mundo, um sistema de valores e, conseqüentemente, ações, sentimentos e emoções decorrentes”. É nessa esteira que o vocábulo obsceno exhibe-se como manifestação social em diversas situações. Acerca do

afrouxamento das questões morais tem-se que “as diversas aberturas do comportamento social, sobretudo o relaxamento de normas de conduta moral, favorecem a expansão dos chulismos”, como atesta Borba (2003, p. 138).

O léxico de carga semântica erótico-obscura também é associado a desrespeito e ultraje, dependendo da intimidade das pessoas implicadas e do nível de educação em que se ocorre o discurso (BORBA, 2003). Alguns itens desse léxico se ausentam da carga semântica aviltante que possuíam. Constatou-se que ainda há preconceito em relação ao seu emprego, entretanto, sempre em menor escala. Muitos deles não são aceitos em todos os contextos, mas entre amigos e familiares há um emprego que prenuncia intimidade. Assim, havendo relação de proximidade, adotar palavras é admissível, sendo outrossim um meio eficaz de despertar a atenção do receptor.

Concernente à classe social que usa o léxico erótico-obscura, pode-se dizer que o alívio que propicia a verbalização de insatisfações sociais para alguns falantes permite que sejam extrapolados os limites da classe baixa. A linguagem obscura,

tornou-se, dentro do novo contexto, um índice relevante da tensão social, dos conflitos de classe. (...) Aliás, a ligação que sempre se fez entre as classes ‘baixas’ e a linguagem ‘baixa’ começa hoje a sofrer certas restrições, pois em certos grupos cultos da sociedade moderna esse tipo de linguagem chega a ter prestígio, revelando atitude informal, até certo ponto desejada em determinadas *situações*. (PRETI, 1984a, p. 28, grifos do autor).

Referente à escolaridade, o ambiente em que o falante vive é condição fundamental para a aquisição de novos hábitos linguísticos, independente do grau de escolaridade. Portanto, ainda que seja intensa a influência do nível de escolaridade, há, na verdade, maior domínio do meio do que dos anos passados diante dos livros e dentro das instituições escolares.

Sobre a faixa etária que faz uso do léxico erótico-obscura podemos ressaltar que há certas preferências pelo emprego de determinados itens léxicos pelas crianças, pelos jovens e pelos adultos, como se verificou na seção anterior. Destarte, na conversa de um adulto com uma criança recorre-se a determinadas palavras, menos obscenas; na conversa entre crianças há outras escolhas, também mais pudicas; entre jovens adolescentes de idade coincidentes prefere-se usar palavras mais obscenas, assim como entre os adultos.

Em relação ao sexo dos falantes, Paiva (1992, p. 72) apresenta que “a interação entre sexo e idade revela que as diferenças linguísticas entre homens e mulheres são maiores nas faixas etárias mais avançadas. Nas faixas etárias mais jovens, essas diferenças são menos

evidentes ou, mesmo, inexistentes”. Concernente ao emprego do léxico erótico-obsceno, as mulheres tendem a evitar palavras de maior carga semântica chula e grosseira, ao contrário dos homens.

Acerca do aspecto cultural do emprego de itens léxicos de carga semântica erótico-obscena sugerimos a seguinte ponderação:

Mesmo nos situando num ponto de vista teórico, podemos, me parece, afirmar que deve existir qualquer relação entre linguagem e cultura. Ambas levaram milênios para se desenvolver, e esta evolução se desenrolou paralelamente nos espíritos dos homens. [...] No ponto em que nos encontramos, podemos nos limitar aos casos privilegiados nos quais a língua e a cultura evoluíram concomitantemente durante certo tempo, sem intervenção acentuada de fatores externos. (LÉVI-STRAUSS, 1996, p. 89)

Segundo Carvalho (2007), conhecer uma cultura seria precisamente conhecer uma língua e descrever uma cultura seria a descrição de uma língua, mas não se pode ao certo precisar se a cultura determina a língua ou se é a língua que determina a cultura. Segundo a tese de Sapir-Whorf há uma existência simultânea entre ambas, de modo que se condicionam mutuamente. Desse modo, a língua seria entendida por sua relação com as práticas discursivas que formam a cultura e cujas práticas, por sua vez, ocorreriam por meio da interação entre indivíduos. A língua projeta sobre o mundo uma sombra, à qual se atribui o nome de *visão de mundo* (BIZZOCCHI, 2007). Em virtude disso, pode-se aferir que cada língua representa uma cultura e, portanto, uma visão particular de mundo.

O mesmo se daria com o processo de socialização: “que só pode ser entendido como fruto da cultura e de sua história, o que significa que varia historicamente dentro da mesma cultura e em culturas diferentes” (CROCHÍK, 2006, p. 13). Isso porque a língua é a expressão da natureza humana, o que equivale a dizer que o homem, ao contrário de outras espécies do planeta, é um ser cultural. “A cultura, a principal característica humana, desenvolveu-se simultaneamente com o equipamento fisiológico do homem” (LARAIA, 2002, p. 66). O homem é o resultado do meio cultural em que foi socializado. É o herdeiro de um longo processo acumulativo, que exterioriza o conhecimento e a experiência adquiridos por seus antepassados. A manipulação adequada e criativa desse patrimônio cultural permite as inovações e as invenções. Percebe-se que

toda a experiência de um indivíduo é transmitida aos demais, criando assim um interminável processo de acumulação. Assim sendo, a comunicação é um processo cultural. Mais explicitamente, a linguagem humana é um produto da cultura, mas não existiria cultura se o homem não tivesse a possibilidade de desenvolver um sistema articulado de comunicação oral. (LARAIA, 2002, p. 52)

A noção de cultura suscita abundantes trabalhos, designando as maneiras de viver, sentir e pensar próprias de um grupo social (MATTELART; NEVEU, 2004) ou, por outro lado, num sentido mais estrito, indicando as atividades específicas do ser humano que pressupõem um aprendizado específico e que produzem um acervo de conhecimentos transmissíveis entre gerações (BIZZOCCHI, 1996). A cultura pode ser vista como uma lente através da qual o homem enxerga o mundo. Homens de culturas diferentes tendem a usar lentes diversas e, assim, têm visões distintas das coisas.

Logo, pensamos e compreendemos o mundo segundo as categorias de nossa própria língua. “Pode-se entender o fato de que indivíduos de culturas diferentes podem ser facilmente identificados por uma série de características, tais como o modo de agir, vestir, caminhar, comer, sem mencionar a evidência das diferenças linguísticas, o fato de mais imediata observação empírica” (LARAIA, 2002, p. 68).

O contratempo que surge dessa forma de o homem se estruturar socialmente é o fato de que ele pode se fechar em sua própria visão de mundo e não saber tolerar outras línguas e, conseqüentemente, outras culturas. Ademais, “o costume de discriminar os que são diferentes, porque pertencem a outro grupo, pode ser encontrado mesmo dentro de uma sociedade” (LARAIA, 2002, p. 74).

As atitudes e os comportamentos sexuais são igualmente representados por certas lexias ou, mais especificamente, pelos sinônimos proferidos. A sexualidade é uma preocupação individual, uma questão que merece uma investigação histórica e sociológica. O sexo, assim como a sexualidade são socialmente construídos e organizados por uma variedade de linguagem que busca dizer o que pode e o que não deve ser expresso, a que chamamos de linguagem proibida. A sexualidade é, pois, produto da linguagem e de um processo cultural.

De acordo com a pesquisa de Braga e Ribeiro (2008) na área de educação sexual, a relação da linguagem com as atitudes e os comportamentos sexuais na cultura brasileira se verifica pela expressão por meio de unidades lexicais, as quais, por sua vez, poderiam representar a intensidade da repressão sexual nas regiões brasileiras. Os referidos autores fazem uma análise das atitudes e dos comportamentos sexuais a partir dos sinônimos dados à genitália masculina e à feminina.

Os referidos autores se indagam sobre como se apresenta essa verbalização a partir da revolução sexual dos anos 60 do século XX, procurando decifrar como os itens léxicos empregados como sinônimos dos órgãos em análise expressavam a sexualidade ou as práticas e atitudes sexuais. E questionam o motivo de ser adotado um grande número de sinônimos.

Outro item importante ao qual se atêm os pesquisadores é a percepção do aspecto de irreverência inserido nos sinônimos expressos, marcando uma contradição em relação ao que é considerado oficial.

Também é importante pontuar que não existem sinônimos perfeitos, mas que os sentidos apenas se aproximam, dentro de determinados contextos, ainda mais em se tratando de buscar equivalência entre um vocábulo formal da língua e seus correspondentes na linguagem informal. A sexualidade e o sexo, que tanto foram e ainda são reprimidos, mostram-se, então, também a partir das palavras. Palavras que usamos para designar objetos, ações, pessoas, expressões diversas e, entre elas, as denominações daquilo que consideramos as partes genitais do corpo e algumas práticas sexuais. (BRAGA; RIBEIRO, 2008, p. 3)

Para os autores supracitados, as unidades léxicas atualmente atestam uma forma de comportamento, o qual, em conjunto com a língua, são produtos da educação numa certa cultura. Logo, o uso de lexias diversas para os nomes dados a algumas atitudes e partes do corpo com conotação sexual sempre foi motivo de controvérsias, não somente em relação ao pênis e à vulva estudados pelos autores comentados, mas também aqueles referentes às nádegas, ao ânus, aos testículos e aos seios. A partir do momento em que nascemos, recebemos uma influência social que assinalará nossa maneira de ver o mundo e de estar nele. Com a linguagem aprendemos a dividir o universo em que nos inserimos em categorias. As unidades léxicas denominam as coisas, mas também fazem com que as agrupemos de uma determinada maneira em nosso pensamento. Elas classificam o nosso universo. Entretanto, tal fato depende dos interesses de cada sociedade, que diferem entre si, seja em determinados momentos históricos, contextos sociais, econômicos e culturais.

Na verdade, as pessoas abandonam um certo tipo de linguagem e escolhem outra, não pelo fato de a primeira soar falsa e a segunda, verdadeira, mas pelo motivo de a primeira parecer inadequada e a segunda mais conveniente, dependendo de sua valoração, que é moldada socialmente. É o que se confirma com os inúmeros sinônimos que apresentamos na seção precedente deste trabalho: alguns são adequados para certas pessoas e situações, porém, outros inoportunos, ora aceitos publicamente, ora evitados. Sublinhamos que diversas unidades lexicais carregam consigo um juízo de valor concernente a seu uso.

Em conformidade com o que descrevemos em outros momentos deste artigo, na verdade, existe um temor veemente de adotar certas lexias, seja pelo que possam atrair na memória ou pelo medo da imitação, seja pelo pudor social. Por essa razão, parece haver a necessidade de ser mais prudente e de modificar a linguagem, como garantia de proteção psíquica e até social, para que possa ser mais bem aceita socialmente, como também para interiorizar uma maior tranquilidade. Proferir uma obscenidade pode ser censurado por apresentar algo não recomendável. Em contextos sociais públicos, nem tudo pode ser proferido. Logo, empregar diversos sinônimos referentes ao órgão que examinamos, torna-se indispensável na proporção em que as pessoas precisam adotar expressões verbais para se manifestarem sobre o tema.

Segundo Ussel (1980 *apud* BRAGA; RIBEIRO, 2008) a presença de diversos sinônimos para nomear as partes genitais ocorria desde a Antiguidade, época em que não seria adequado o emprego da terminologia científica (pênis, glândula, vulva, útero), porém, simplesmente a expressão “órgão da procriação” para os homens e mulheres, o que evidencia a repressão sexual desde os mais remotos períodos.

Hodiernamente, um indício da ainda presente repressão sexual – apesar da revolução ocorrida no século XX e do maior abrandamento das censuras – é especificamente a permanência dos tabus atinentes aos nomes dos órgãos sexuais, mencionados nesta pesquisa. A relutância que incontáveis falantes demonstram em verbalizar itens de caráter sexual, com resistências e desinformação, denotaria assim uma repressão sexual.

Verifica-se, consoante com o apresentado, que uma das características do ser humano é a possibilidade de utilizar-se da linguagem para expressar e comunicar seus pensamentos e suas emoções. No entanto, por vezes, o ser humano esbarra em preconceitos e tabus que limitam ou modificam a sua linguagem. Um argumento recorrente entre os tabus é o sexo. “Parte daquilo que falamos no dia-a-dia é expressão de juízos sexuais e da forma como dada cultura encara a sexualidade” (PEREIRA JR., 2006, p. 4). O estudo da linguagem proibida – nosso objeto – não só permite uma análise da relação entre a língua e o falante, mas também um aprofundamento de ordem sociológica. O seguinte pensamento revela a repressão em relação ao sexo e à sua nomeação: “No espaço social, como no coração de cada moradia, um único lugar de sexualidade reconhecida, mas utilitário e fecundo: o quarto dos pais. Ao que sobra só resta encobrir-se, o decoro das atitudes esconde os corpos, *a decência das palavras limpa os discursos*” (FOUCAULT, 1988, p. 10, grifos nossos).

Diante da citação acima, vemos que entre as lexias tabuizadas encontramos não só o sexo, como também os nomes referentes aos órgãos envolvidos nele. Para desviar-se da

unidade condenável torna-se mais fácil substituí-la, expressá-la de forma indireta e metafórica, conforme Coseriu (1977, p. 90). É nessa esteira em que o léxico concernente à genitália feminina aparece como manifestação sociocultural em diversas situações. Vulva, por exemplo, é a unidade léxica precisa para nomear o órgão sexual feminino, mas muitos se escandalizam com sua menção pública. Para um linguista não há itens tabus, mas, do ponto de vista sociolinguístico, deve-se admitir que indicam um certo grau de informalidade, como já exposto. Todavia, como pesquisadores da linguagem humana, cremos que deva haver um movimento em nossa cultura de combater o medo ao desconhecido, um esforço contra o preconceito.

Considerações finais

Em nosso estudo, desprovidos de qualquer tipo de preconceito linguístico, procuramos dar oportunidade a um tema ainda tão renegado e recusado por linguistas, almejando contribuir para pesquisas desse cunho temático. Quem se atentar a esse fato verá que é quase nula a referência ao léxico erótico-obsceno, especialmente aquele referente aos nomes dos órgãos sexuais. Neste artigo pretendemos também trazer à luz a importância e a riqueza de pesquisas que abordem essa temática, ainda tão incipiente e inexplorada nas pesquisas brasileiras.

As implicações extralinguísticas no uso do léxico erótico-obsceno referente à vulva, por exemplo, na escolha dos itens léxicos, relacionam-se primeiramente ao contexto situacional, ou seja, ao ambiente em que serão empregadas essas novas opções lexicais. Vimos nesse trabalho que a classe social e a escolaridade pouco influenciam nesse uso, atuando mais intensamente a faixa etária do receptor a quem se dirige a mensagem com conteúdo erótico-obsceno.

Referências

ALMEIDA, Horácio. *Dicionário de termos eróticos e afins*. 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

AUGRAS, Monique Rose Aimee. *O que é tabu*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

BERRUTO, Gaetano. *Fondamenti di sociolinguistica*. Bari: Laterza, 2005.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. *Teoria linguística*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. Conceito linguístico de palavra. *Palavra*. Rio de Janeiro: v. 5:81-97, 1999.

BIZZOCCHI, Aldo. “Cultura e prazer: o lugar da ciência”. *Cultura Vozes*. São Paulo: Editora Vozes, v. 90, n.º 3:95-111, 1996.

_____. “O recorte do real”. *Revista Língua Portuguesa*. São Paulo: Segmento, v. 24:52-54, 2007.

BONISTALLI, Roberto. *Classiche posizioni dell’amore*. Per coppie novizie, riciclate o svogliate. Colognola ai Colli: Demetra, 2000.

BORBA, Francisco da Silva. *Organização de dicionários: uma introdução à lexicografia*. São Paulo: Editora Unesp, 2003.

BRAGA, Eliane Rose Maio; RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. “Palavras, “palavrões”: um estudo sobre a repressão sexual a partir da linguagem empregada para designar a genitália e práticas sexuais, na cultura brasileira”. *Anais da 31ª Reunião Anual da ANPED*. Caxambu, MG: ANPED, 2008. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/31ra/1trabalho/GT23-4982-Int.pdf>>. Acesso em: 07 jan. 2009.

BUENO, Alexei. *Antologia pornográfica: de Gregório de Mattos a Glauco Mattoso*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.

CARVALHO, Sergio de. “Metáfora e Cultura: uma abordagem sócio-cognitiva”. *Revista Philologus*. Rio de Janeiro: v. 39:106-120, 2007. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/revista/>>. Acesso em: 02 fev. 2009.

“Catano” com perdão! Disponível em: <http://forum.wordreference.com/showthread.php?t=206956>. Acesso em: 17 mar. 2007.

COSERIU, Eugenio. *El hombre y su lenguaje*. Estudios de teoría y metodología lingüística. Madrid: Editorial Gredos, 1977.

CROCHÍK, José Leon. *Preconceito, indivíduo e cultura*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. (Trad. de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque). Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

GNERRE, Maurizio. “Linguagem, poder e discriminação”. In: _____. *Linguagem, escrita e poder*. São Paulo: Martins Fontes, p. 3-24, 1985.

HOUAISS, Antonio. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

- LANE, Silvia Tatiana Maurer. *O que é psicologia social*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- LEITE, Marli Quadros. “Aspectos de uma língua na cidade: marcas da transformação social no léxico”. In: PRETI, D. (org.) *Léxico na língua oral e na escrita*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP:17-45, 2003.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia estrutural*. (Trad. de Chaim Samuel Katz e Eginardo Pires). Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.
- MAIOR, Mário Souto. *Dicionário de palavrão e termos afins*. 2.ed. Recife: Guararapes, 1980.
- MATTELART, Armand; NEVEU, Erik. *Introdução aos estudos culturais*. (Trad. de M. Marcionilo). São Paulo: Parábola, 2004.
- MATTOSO, Glauco. *Dicionário do palavrão e correlatos*. Inglês-português/ português-inglês. Rio de Janeiro: Record, 1990.
- MOLLICA, Maria Cecília. “Sociolinguística: conceituação e delimitação”. In: _____. (org.) *Introdução à sociolinguística variacionista*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ:13-15, 1992.
- ORSI, Vivian; ZAVAGLIA, Claudia. *Passarinho, passarinha, passarão: dicionário de eufemismos das zonas erógenas*. São José do Rio Preto: THS Editora, 2009.
- ORTÍZ ALVAREZ, Maria Luiza. “O léxico como expressão de identidade cultural”. *Anais do 52 GEL*. Campinas: Mercado de Letras/IEL: 246, 2004.
- PAIVA, Maria da Conceição de. Sexo. In: MOLLICA, Maria Cecília (org.). *Introdução à sociolinguística variacionista*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ:69-73, 1992.
- PEREIRA JR., Luiz Carlos. “Amor e ódio na mesma frase”. *Revista Língua Portuguesa*. São Paulo: especial Sexo e Linguagem, p. 6-9, 2006.
- PRETI, Dino. *A gíria e outros temas*. São Paulo: T. A. Queiroz/Edusp, 1984a.
- _____. *A linguagem proibida: um estudo sobre a linguagem erótica*. São Paulo: Queiróz, 1984b.
- _____. (org.) *Léxico na língua oral e na escrita*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2003.
- REY, Alain. *La lexicologie*. Paris: Klincksieck, 1970.

SCERBO, Ercole. *Il nome della cosa*. Nomi e nomignoli degli organi sessuali. Milano: Mondadori, 1991.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. *Doa-se lindos filhotes de poodle: variação linguística, mídia e preconceito*. São Paulo: Parábola, 2005.

TARTAMELLA, Vito. *Parolacce*. Perché le diciamo, che cosa significano, quali effetti hanno. Milano: BUR, 2006.

VÁRIOS. *2500 Palavrões*. São Paulo: Flash, 1990.

VÁRIOS. *Svergognate*. Roma: Edizioni Ariete, 2005.

XATARA, Claudia Maria; OLIVEIRA, Wanda Leonardo de. *Dicionário de provérbios, idiomatismos e palavrões: francês-português / português-francês*. São Paulo: Cultura, 2002.

ZANNI, Marco. *Ditelo con gli insulti (e non accontentatevi di un semplice vaffanculo)*. Dizionario completo degli insulti italiano-inglese. Milano: Baldini&Castoldi, 2000.

Artigo recebido em abril de 2013.

Aceito em julho de 2013.